

# Viva O Povo Brasileiro: espaço de leitura dos discursos sobre a identidade da mulher negra

*Viva O Povo Brasileiro: a space for reading the speeches on the identity of the black woman*

Kelly Cristina Gonçalves Rosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente comunicação se alia ao projeto de pesquisa da orientadora Prof. “Autor”, “Escritores do Século XX e XXI; Estudo da Obra e da Crítica”, assim estudar como são construídos os discursos de identidade da mulher negra na obra intitulada **Viva o Povo Brasileiro** (1984), de João Ubaldo Ribeiro, desdobrando a composição dos textos, que se interpõem na leitura dos discursos sobre a mulher negra, presente nas personagens: Vevé, Dadinha e Maria da Fé. Personagens que incorporam a mulher em tempos de escravidão com ações, que vão desde a memória, em Dadinha, a integração ao mercado de trabalho, a luta de classes e a desigualdade vivida. São discursos, cujo teor tende a transpassar cada um dos sujeitos e moldar, no século XIX, uma mulher, que herdeira das tradições ancestrais africana, se predispõe a lutar pelo seu lugar na sociedade escravocrata e machista. Discursos, que demonstram a força e a constante luta que essas mulheres se predispõem, mesmo excluídas da sociedade por serem mulheres e negras, através de discursos descritos na obra elas conquistam seu lugar de direito integrando-se a formação do povo brasileiro. São elas as detentoras dos saberes e são elas, que promulgam uma forma diferente de ver a mulher negra dentro da obra. Assim havendo a possibilidade da releitura da história do Brasil, trazendo à tona essa voz que ficou calada nos romances tradicionais de gerações anteriores. Possibilitando o discurso de Dadinha, Vevé e Maria da Fé, aonde vem alavancar a construção de um novo romance histórico, salientando que a questão da identidade está associada a uma estratégia de ação política. O discurso sobre a identidade, e a situação da mulher negra no século XIX.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Bacharelado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil.  
E-mail: [kellykat08@gmail.com](mailto:kellykat08@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Identidade; Mulher negra.

**ABSTRACT:** This communication is connected with the research project of Professor “Author” (Writers of the 20th and 21st century, Of the Work and the Critic study), to study how the identity speeches of the black woman are constructed in the work entitled: **Long Live the Brazilian People** (1984), by João Ubaldo Ribeiro, unfolding the composition of the texts that are interposed in the reading of the speeches about the black woman present in these characters: Vevé, Dadinha and Maria da Fé. Characters that incorporate the woman in the slavery times with actions, that coming from memory, in Dadinha, the integration into the labor market, the class struggle and the lived inequality. They are speeches whose content tends to cross each of the subjects and shape, in the nineteenth century, a woman who inherits the ancestral African traditions, is predisposed to fight for its place in the enslaved and macho society. Speeches, which demonstrate the strength and constant struggle that these women predispose, even excluded from society because they are women and black women, through discourses described in the work, they gain their rightful place by integrating themselves in the formation of the Brazilian people. They are the holders of the knowledge and they are who promulgate a different way of seeing the black woman within this work. So there is the possibility of re-reading the history of Brazil, bringing to the fore that voice that remained silent in the traditional romances of previous generations. Enabling the discourse of Dadinha, Vevé and Maria da Fé, where it comes to leverage the construction of a new historical novel, emphasizing that the question of identity is associated with a strategy of political action. The speech is about identity, and the situation of black women in the nineteenth century.

**KEYWORDS:** Speech; Identity; Black woman.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se alia ao projeto de pesquisa “Escritores do Século XX e XXI: Estudo da Obra e da Crítica”, desenvolvido pela prof. Dra. “Autor” deste. Para tanto, analisa-se a obra **Viva o Povo Brasileiro** de João Ubaldo Ribeiro, publicado originalmente em 1984, desdobrando a composição dos textos, que se interpõem na leitura dos discursos sobre a mulher negra, através das personagens: Vevé, Dadinha e Maria da Fé.

Os discursos dessas personagens, cujo teor tende a transpassar cada um dos sujeitos e moldar, no século XIX, uma mulher, que herdeira das tradições ancestrais africana, se predispõe a lutar pelo seu lugar na sociedade escravocrata e machista. São elas as detentoras dos saberes e que promulgam uma forma diferente de ver a mulher negra dentro da obra.

O objetivo deste trabalho é o de demonstrar e analisar, através dos discursos das personagens, a importância da mulher negra para a construção da identidade do povo brasileiro. Os objetos que iremos estudar centram-se na visão da mulher negra e como seus discursos na obra representam a forma de

verem e serem vistas. Ao traçar um panorama do que seria a identidade nacional apresenta-se a proposta de que “a identidade nacional, muitas vezes, parte da identidade individual que liga o indivíduo ao seu meio” (GIACON, 2012, p. 14). A conjugação de todos os discursos individuais rememora o ser e o estar no mundo de cada pessoa, aqui representada pelas personagens negras, que traça as africanidades de ser de cada uma dessas personagens.

Nessa linha de pensamento a obra **Viva o Povo Brasileiro** é compreendida como um acontecimento artístico vivo que coincide, historicamente, com a data de sua publicação, ou seja, “com o período da abertura política, [...] a proposta de releitura da história brasileira que a obra encerra só poderia ser encenada em uma atmosfera livre de quaisquer cerceamentos” (BERND, 2003, p. 81). A obra, cujas 673 páginas, compõem a epopeia do povo brasileiro, que dá voz a fala do povo em contraponto com a voz da elite.

Na obra ocorre uma alteridade discursiva, na qual, segundo Bernd e Utéza o maior dom do autor “é o de escrever na tensão dos contrários [...] inscrevendo nesse espaço intervalar elementos de desestabilização das estruturas político-sociais brasileiras” (2001, p.142). De acordo com os autores, João Ubaldo Ribeiro tem o intuito de construir, após a queda da ditadura militar brasileira, um caminho que pudesse recuperar demonstrar e abrir um espaço para discursos no Brasil, na História, na Filosofia e na Literatura, não apenas do negro, mas do discurso nacional não elitizado.

Nesse sentido, destacamos os discursos díspares, para demonstrar como o negro, no Brasil, sofreu um processo de apagamento, durante a diáspora, que se processou durante mais de três séculos de história nacional, importante indicação da construção de sua identidade. O texto literário ubaldiano faz assimilação do apagamento dos traços de negritude nos discursos dos personagens, de tal forma que haja uma multiplicidade de discursos em relação aos conceitos de identidade e africanidade.

Fica evidente o espaço da mulher negra na obra, a forma com que o autor transparece a identidade dessa mulher, sendo protagonista dessa releitura da História do Brasil, traz à tona a voz que ficou calada nos romances tradicionais de gerações anteriores. Dadinha Vevé e Maria da Fé veem alavancar a

construção de um novo romance histórico, salientando que a questão da identidade está associada a uma estratégia de ação política.

O sujeito e sua identidade ganham espaço, quando a obra leva aos leitores que as histórias do cotidiano de pessoas comuns do século XIX é tão importante quanto a dos heróis dos romances de quatro séculos atrás.

## 2. CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Partimos da concepção de construção de identidade a partir da diáspora, segundo Stuart Hall, em que a questão da diáspora é colocada em seu livro **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais** (2013). Esta noção lança uma luz sobre as complexidades, não simplesmente de se construir, mas de se imaginar a constituição de uma nação.

Em alguns lugares do mundo, tal construção é complexa, exemplo a América Latina, em que grande parte de seus países se compõe por uma diversidade de culturas. Pela diáspora podemos direcionar os estudos sobre a construção da identidade do indivíduo, direcionando os estudos não de uma forma totalizante, mas com um aspecto de heterogeneidade de identidade, “onde começam e onde terminam suas fronteiras, quando regionalidade cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos” (HALL, 2013, p. 28).

Ao pensarmos como se pode caracterizar a identidade de um povo que compõe essas determinadas regiões, tidas como diversificadas no âmbito da formação de identidade do indivíduo. “Parte da identidade individual que liga o indivíduo ao seu meio, e depois com os outros” (GIACON, 2012, p. 11), dessa forma percebemos que o conceito de falar de identidade no âmbito unificado de um povo, cujo seu país foi colonizado, e que também boa parte dos indivíduos que compõem esse lugar sofreu um processo de diáspora, tem uma percepção errônea no estudo da construção de identidade.

Um povo que foi constituído com múltiplas alterações, como cultura, aspectos políticos e sociais, tem que ter sobre si olhares que levam em consideração suas diferenças, sendo assim o conceito de “nação” tem que ser analisado, a partir da pluralidade, na forma de enxergar o indivíduo em suas diferenças, e não de uma forma globalizada como se todos fossem um só.

Compreende-se, dessa forma, que na construção de identidade, “na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica” (HALL, 2013, p. 29). O sujeito em contato com outro lugar que não seja de sua origem, transforma-se em um indivíduo diversificado quando pensamos em noção de contato com outras culturas, ações políticas e outras línguas.

“Sabemos que o termo ‘África’ é, em todo caso, uma construção moderna, que se refere a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo principal ponto de origem comum situa-se no tráfico de escravos” (HALL, 2013, 34). O indivíduo carrega consigo as marcas de sua origem, mas também, passa a absorver costumes da terra que o hospeda, muitas vezes recebe de uma forma espontânea ou de maneira forçada, assim como foi com os negros capturados na África e levados para outros continentes onde se tornaram escravos e forçados a assimilar as culturas de seus opressores.

### 3. CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DA MULHER NEGRA

Para compreender a questão do discurso da mulher negra, destaca-se, inicialmente, a construção da posição da mulher na sociedade brasileira. Em seu livro **Histórias Íntimas** – Sexualidade e erotismo da história do Brasil (2011), Mary Del Priore nos apresenta uma reconstituição histórica sobre sexualidade, que auxilia a compreender a posição (e a situação) da mulher perante a sociedade, em especial no Brasil, mas não, sem esquecer, do restante do mundo ocidental.

Em uma sociedade marcada por dualismos da igreja, paraíso *versus* inferno, santificação *versus* pecado, humildade *versus* vaidade, as relações foram especialmente pautadas em juízo de valores que visava a punição de todos os pecados e vaidades. “Não foram poucos os que fustigaram o corpo feminino, associando-o a um instrumento do pecado e das forças diabólicas que ele representava na teologia cristã” (PRIORE, 2011, p. 28). A mulher (branca ou negra) fora especialmente punida, por ser considerada símbolo de beleza, que

abria espaço à vaidade e luxúria. A mulher, amiga do diabo, era o meio pelo qual, mais facilmente o homem perdia-se do caminho certo. Mas foi a mulher negra que, sem dúvida, permaneceu ainda mais submissa e prejudicada à ordem social.

Entre uma mulher branca e uma negra haviam diferenças. Ao passo que a mulher branca, aquela casada com fazendeiros, negociantes e profissionais liberais eram passivas, reprodutoras, sempre dependentes (ora dos pais, ora do marido). As mulheres negras, por sua vez, possuíam mais autonomia e até cumpriam funções masculinas, como carpir, semear e colher. Além disso, se a mulher branca dependia de um bom casamento, a mulher negra tinha, por condição da época, relacionamentos mais efêmeros (HARNER, 1978).

Por outro lado, é à negra que se dirige o pior da sociedade, gestos e linguagem chulos, degradadas e desejadas, tidas como aptas à fornicção (não ao ato sagrado da reprodução, destinado às esposas brancas). Os convites diretos para a fornicção são feitos predominantemente às negras e pardas, fossem elas escravas ou forras. Afinal, a misoginia racista da sociedade colonial classificava as mulheres não brancas como fáceis alvos naturais de investidas sexuais, com quem se podia ir direto ao assunto sem causar melindres. Gilberto Freyre chamou a atenção para o papel sexual desempenhado por essas mulheres, reproduzindo o ditado popular: “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar”. (PRIORE, 2011, p. 46).

A autora ainda destaca que esse comportamento de inferiorizar as mulheres não brancas vem desde a “degradação das índias como objetos sexuais dos lusos somou-se a das mulatas, das africanas, das ladinas e das caboclas – todas inferiorizadas por sua condição feminina, racial e servil no imaginário colonial” (PRIORE, 2011, p. 46).

Em resumo, para a mulher negra a desigualdade é pontencializada “pelos discriminações que ela sofre, restringindo-lhe a possibilidade de inclusão social” (MENEGHEL, FARINA, RAMÃO, 2005, p. 569). Ser mulher é uma situação delicada e complexa. Ser mulher e negra ou mestiça é uma dupla luta, seja no Brasil, seja em outros países. June E. Hahner (1978) destaca um artigo de Nice Rissone (1968) que contribui para nossa perspectiva: a mulher negra, inicialmente ligada exclusivamente a um contexto de escravidão, sem

perspectiva individual e social, em época contemporânea, permanece ligada ao estigma da escravidão, mas como uma seqüela desta.

O estigma da pobreza, ignorância e sujeição ao preconceito racial e social permanece marcado na mulher negra em nossa sociedade. O fator que agrava a situação é que, embora os homens negros e mestiços também encontrem esta marca social, a posição da mulher negra na história, principalmente na história do Brasil, sempre foi a de servidora, submissa (escrava).

Nos áureos tempos da escravidão, a mucama, a criada dos sobrados e a mulher do eito eram negras e mestiças. Eram funções vis, tidas como desprezíveis para a mulher branca. Só mais tarde, com a pauperização dos centros urbanos e do campo, é que a mulher branca se viu envolvida nesta forma de ganhar a subsistência. Como escrava, a mulher de cor foi o grande esteio da mulher branca (RISSONE, 1968 apud HAHNER, 1978, p. 120).

Agrava-se que após a abolição da escravidão, a mulher negra continuou em situação servil, sem perspectivas e excluída. Em sua maioria, as mulheres negras tornam, nesse período, o apoio central da família, forçadas a arcar com a subsistência, visto que “o homem de cor desmoralizou-se a ponto de ‘ter saudade da escravidão’” (HAHNER, 1978, p. 122), a mulher negra

[...] deixou a senzala pelo cortiço das cidades e assumiu, praticamente, as obrigações do antigo senhor da fazenda [...]. Duplicou, centuplicou seu trabalho físico e teve de encontrar energias, consciente ou inconscientemente, para enfrentar todo um complexo de situações novas. Algumas representaram apenas uma mudança de rótulo. Passaram a servir a patroa ao invés da sinhá, a serem perseguidas pelos patrões ao invés do senhor. Outras eram inteiramente novas: a discórdia entre os elementos da própria comunidade de cor provocada pela bebida e pela promiscuidade e pelo justo rancor – quase sempre inconsciente – que as injustiças da organização social tirânica lhe provocaram (HARNER, 1978, p. 122).

Sua servidão estende-se a emancipação da mulher branca, a negra – antes escrava, serva, agora é a babá, é a empregada doméstica. A emancipação da mulher branca, fruto das mudanças do sistema sócio econômico, oferece ainda que parcamente uma brecha para as perspectivas dos negros e negras.

Exemplos destoantes são graças a “esforço individual multiplicado, exatamente para poder ultrapassar a barreira [do preconceito]” (HARNER, 1978, p. 124). A emancipação da mulher negra e mulata vem de forma muito mais lenta. “Em parte devido à defasagem da emancipação da mulher em geral comparada a dos homens, e principalmente, para a mulher negra pelos fatos históricos que a envolveram desde as primeiras gerações aportadas no Brasil” (HARNER, 1978, p. 125).

Atualmente,

autores/as, principalmente os/as de grupos de feministas negras, começam a mostrar que há um agravamento das violências quando a mulher é negra, ocasionadas pelo racismo que gera outras violências adicionais. Tem sido observada uma vulnerabilidade maior da população negra no que diz respeito a agravos crônicos e menor expectativa de vida, com escores menores no índice de desenvolvimento de gênero que mede desigualdades entre homens e mulheres (MENEHHEL, FARINA, GAMÃO, 2005, p. 569).

Os autores apontam como o ato de narrar histórias, pode produzir transformações, quando fazem sujeitos pensarem sobre determinadas situações, resignificando experiências, “[...] as narrativas podem contribuir para empoderar as pessoas, ajudando-as a refletir sobre situações de opressão/dominação invisíveis [...]” (MENEHHEL, FARINA, GAMÃO, 2005, p. 570), tal como discutiremos na obra **Viva o Povo Brasileiro**.

A literatura é uma dentre diferentes meios encontrados pelo ser humano para representar o mundo em que vive. “Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é, como atos de criação linguística, a literatura surge como um espaço privilegiado” (EVARISTO, 2005, p.52). A literatura é um espaço de produção e reprodução simbólica de sentidos.

Personagens que incorporam o ser mulher em tempos de escravidão com ações, que vão desde a memória, à integração ao mercado de trabalho, a luta de classes, apresentam discursos, cujo teor tende a transpassar cada um dos sujeitos e moldar, no século XIX, uma mulher, que herdeira das tradições ancestrais africana, se predispõe a lutar pelo seu lugar na sociedade escravocrata e machista.



A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial. (EVARISTO, 2005, p. 52)

Há uma incrível ausência de mulheres negras que representam mães, matriz de uma família, posição comumente relegada às mulheres brancas. “Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas” (EVARISTO, 2005, p. 53).

Conceição Evaristo (2005) em seu artigo “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira” questiona essa falta de representatividade, enquanto mulher negra mãe, do discurso literário histórico, tratar-se-ia de uma tendência a ignorar o papel da mulher negra enquanto seu papel na formação da identidade nacional.

[...] se a literatura constrói as personagens femininas negras sempre desgarradas de seu núcleo de parentesco, é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo. (EVARISTO, 2005, p. 54).

Em contrapartida há um movimento que busca uma representatividade que fuja dos estereótipos impostos. A partir de uma literatura que modifica o corpo-mulher-negra como corpo do outro (objeto) para se colocar como sujeito-mulher-negra, que se descreverá.

#### 4. ANÁLISE DA OBRA

Como já dissemos a obra intitulada **Viva o Povo Brasileiro** (1984), de João Ubaldo Ribeiro, consiste em uma obra composta por duas tensões, de um lado discursos dos nobres o qual a história do Brasil sempre foi muito bem

“representada”, do outro discurso da classe social considerada da margem, por assim dizer marginalizados. O autor ao dar possibilidade de voz a essa classe ofuscada pela história, tal qual índios, negros, mestiços, suscita uma tensão entre discursos, e é nessa tensão que transcende a obra que evoca uma concepção de questionamentos sobre a história oficial do Brasil.

Tema em que João Ubaldo usa em *Viva o Povo Brasileiro* é o questionamento da colonização do Brasil e do poder. Essa incessante busca do escritor por respostas quanto à colonização remetemos a quem manda e porque manda neste país. (GIACON, 2012, p. 10)

Para incorporarmos uma análise em que se fundamenta a representação da mulher negra com construção da identidade do povo brasileiro, optamos por recortar os discursos de três personagens que compõem o romance ubaldiano. Escolhemos os discursos de Dadinha, Vevé e Maria da Fé, personagens que possuem papéis fundamentais na construção da obra. Através de seus discursos os personagens vão se entrelaçando causando um sentimento de força luta e determinação no caráter social e político em um país pluralizado, constituído de múltiplas identidades.

O romance **Viva o Povo Brasileiro** é uma manifestação de linguagem, composto por discursos representativos, caracterizando a resistência de um povo, que tem sua importância desmerecida e transfigurada por discursos hegemônicos e preconceituosos ditado por elites de massa. Quando falamos em resistência, ou melhor, ao dizer sobre formas de resistência, a obra de João Ubaldo Ribeiro representa muito bem personagens que incorporam mulheres negras.

A personagem Dadinha aparece no livro em “Porto da Ilha, no dia 10 de junho de 1821”, ela é intitulada como uma mulher centenária que nascera em uma senzala da Armação de Bom Jesus, neta de VU mais o caboclo alemão Sinique. A narrativa acompanha a cronologia da personagem, que transcorre do nascimento até o momento de sua morte. Sem ter certeza do dia exato que nasceu Dadinha achava que era domingo por ser mais fresco, assim disseram a ela. Vale destacar que o dia de domingo, se define sendo o dia mais fresco para os escravos, porque trabalhavam menos ou obtinham folga, dependendo de

onde eram designados a trabalhar. Conseqüentemente se movimentavam menos, se esforçavam menos então o calor era suavizado.

Por causa da idade, a centenária era considerada A Grande Garganta do Mundo, por influência do ambiente da senzala, do convívio com escravos africanos absorveu seus costumes e crenças, assim como desenvolveu uma espiritualidade que originou sincretismo religioso entre o catolicismo, com seus santos, com a crença religiosa africana, tornando-se uma mãe de santo. Esse fato e a percepção da vida do escravo sem perspectiva, fez com que desenvolvesse uma forma de adaptação para sobrevivência, tornando-se uma referência respeitada e uma liderança diante da comunidade escrava.

Os negros que podiam folgar no domingo caminhavam para estar com a grande detentora dos saberes, como diante de uma montanha velha e testemunha de tudo. Dadinha, mestiça, indígena criada desde pequena na fazenda da família branca sua proprietária, que se tornou serviçal, mãe preta do filho dos fazendeiros, adquiriu amor tanto pelos filhos brancos quanto pelos pretos. Antes de morrer ao contar sua vida e passar mais um pouco de ensinamentos para todos os negros que a acompanhavam, pede para que não matem o seu filho branco e após ditar seus últimos pensamentos cruza os braços, fecha os olhos e, com expressão de serenidade morre exatamente como havia escolhido, no toque do sino.

A segunda personagem escolhida, Vevé, tem sua história narrada no capítulo 4, “Engenho do Jaburu, 26 de fevereiro de 1809”. Vevé nascera em um dia de domingo, com uma marca acima do olho direito, marca que herdara de sua bisavó VU e seu pai Cafubá. Para Dadinha, a neta vinda ao mundo em um dia de domingo e com a marca de família, fazia dela uma criança especial que recebera o nome negro de Daê, podendo ser Naê, posteriormente recebendo outro nome entre os brancos Venância.

A construção da personagem passa por um divisor de águas, Vevé por sua beleza juvenil, tornou-se objeto de desejo, alvo de abuso sexual por parte de capitão de mato e agressão sexual pelo seu senhor. Essa agressão física e psicológica transformou sua personalidade, da passividade imposta pela subjugação escravagista, para o empoderamento, quando teve um mínimo de liberdade.

Vevé é a personagem com uma forte representação, visto que é a primeira mulher que se predispõe a aprender uma profissão, a de pesca, considerada como profissão exclusivamente masculina, tendo aprendido através de sua experiência adquirida na infância e adolescência. Rompe barreiras do preconceito machista para exercer essa profissão que exigia habilidades e inteligência, não atribuídas a mulher, e do próprio conceito vigente na sociedade da época sobre a função da mulher. Vevé deu o pontapé inicial para que sua filha, Maria da Fé, tornasse-se revolucionária, em uma época machista em que só os homens podiam se expressar.

Mulher que representa uma reação de inconformidade com o sistema social da época e desejo patriótico de liberdade ao jugo colonizador de Portugal. Essa modificação de comportamento ocorreu como uma forma de reação a injustiça e de impunidade chancelada pelo racismo e poder social e econômico da classe dominante branca. A base da postura de rebeldia política e social foi a oportunidade de ser letrada pelo pai-avô adotivo e a liberdade para observar o ambiente em seu torno. Todos esses fatores mencionados construíram a personalidade guerreira de Maria da Fé e sua postura política diante da realidade social existente. Isso exigiu tenacidade, sagacidade e liderança para enfrentar as adversidades sofridas por um grupo rebelde que opunha ao poder estabelecido e composto por elementos de diversas origens socioeconômicas e ambientes culturais. Além desses adjetivos mencionados, também tinha inteligência para estabelecer estratégias de batalhas e um claro pensamento político sobre a independência.

Essas três mulheres, entre outras existentes no romance, personificam parte importante da formação étnica e cultural do brasileiro e caracterizam uma situação real de desvantagem histórica racial e de gênero sofrida pela mulher negra.

E é com uma narrativa com um sentido de transgressão que João Ubaldo Ribeiro resgata os discursos excluídos ao longo da história oficial contada do Brasil. (BERND, 2003, p. 20). Essa transgressão dentro possibilitou a diversidades de discurso considerados marginais.

Em **Viva o Povo Brasileiro** o autor não se preocupa com a cronologia, alguns capítulos decorrem em uma determinada época em outro pode

anteceder, portanto fica uma conexão de ir e voltar em fatos decorrentes da história brasileira. A multiplicidade de vozes se faz presente em toda narrativa, tornando-se texto polifônico, seguindo exemplo de Bakhtin,

[...] em toda parte é o cruzamento, a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente. (BAKHTIN, 2008, p. 308).

Nesse sentido da multiplicidade de vozes que a obra de João Ubaldo Ribeiro se enriquece a cada capítulo tende a uma narrativa entrelaçada por um leque de identidades, uma variedade de culturas, e o mais importante é que todos tem voz, é nos discursos onde floresce uma tensão entre os pertencentes das elites e os pertencentes da margem. É nessa contraposição de discurso que evolui o enredo da obra, o escritor mexe com a mente de seu leitor estendendo por toda narrativa a diversificação de palavras, que em alguns parágrafos dá um sentido de sátira e ironias, subjugando e contrapondo a história oficial do Brasil.

## 5. CONCLUSÃO

A partir da concepção de construção de identidade ao fazermos a análise das personagens da obra, percebemos que a necessidade de adaptação e superação da mulher negra é uma realidade na história do Brasil. Mulheres escravas, como Dadinha, desempenharam uma importante função na vida comunitária dos escravos e na disseminação da cultura afro-brasileira. Esses agrupamentos foram os embriões para discussão e percepção da vida escrava e de ações de sobrevivência e rejeição da vida escrava. Essa rede de solidariedades foi imprescindível. Assim, como narra o romance a religião trazida da África aglutinava a comunidade escrava negra nos engenhos e senzalas.

A mulher negra e mulata, parcela significativa do povo brasileiro batalhador e discriminada no século XIX tem os mesmos desafios no século XXI. Para ascenderem socialmente e construir uma nova perspectiva de vida devem ter na sua história o alicerce para impulsionar as suas atitudes para transpor os

desafios impostos pelas barreiras existentes num país que hipocritamente diz ter democracia racial. Há necessidade de incorporar o espírito de Dadinha para transmitir a experiência e sabedoria da vida coma visão do presente e futuro para aglutinar e liderar a comunidade em seu torno para induzir políticas públicas necessárias. Deve haver a ousadia de Vevé para ingressar em profissões pouco ocupadas por mulheres negras e nichos profissionais dominados pelo homem. A coragem revolucionária de Maria da Fé será imprescindível para mulher negra do presente ter como armas alto nível educacional, excelência profissional para ser altamente competitiva, inteligência emocional e articulação social e política. As características dessas três mulheres que caracterizam o povo brasileiro é o caminho para transformação e consequentes avanços na igualdade de gênero e etnia.

## REFERÊNCIAS

BAKTHIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BERND, Zila. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2003.

BERND, Zila; UTÉZA, Francis. **O caminho do meio**: uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

EVARISTO, Conceição; Da Representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. In: **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**. 2005. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>>. Último acesso em 18 de março de 2017.

GIACON, Eliane Maria de Oliveira **Viva o Povo Brasileiro**: história e identidade. Dissertação de Mestrado. Assis, 2012.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora – Reflexões sobre a terra no exterior. In. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende, et al. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MENEGHEL, Stela Nazareth; FARINA, Olga, RAMÃO, Silvia Regina. Histórias de Resistências de Mulheres Negras. In. **Estudos Feministas**. 13(3), setembro-dezembro. Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a06v13n3>>. Último acesso em 12 de fevereiro de 2017.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o Povo Brasileiro**: romance. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.